

# humanitas

# 144

## NAPOLEÃO BONAPARTE

ELE GARANTIU DIREITOS CIVIS, MAS RESTABELECEU A ESCRAVIDÃO. APÓS 200 ANOS, A CONTROVÉRSIA AINDA PERSISTE

## SER RELIGIOSO NA HORA DA CRISE

A PROCURA ON-LINE DE TEMAS SOBRE ESPIRITUALIDADE CRESCERAM. CONHEÇA A MOTIVAÇÃO POR TRÁS DISSO

## TOTEM E TABU HOJE

A HORA E A VEZ DO DIÁLOGO ENTRE AS HUMANIDADES E AS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA ATUALIZAR O ENTENDIMENTO SOBRE O SOCIAL E O ÍNTIMO, A CIVILIZAÇÃO E A SEXUALIDADE

EDITORA  
**escala**



ANO XV • 2021

OTIMISTAS CONFIAM EM SI MESMOS, PESSIMISTAS DESCONFIAM DOS OUTROS.  
A QUEM DEVEMOS AS DESCOBERTAS DO MUNDO?

# ÓDIO NA INTERNET

Teóricos da psicanálise já declararam: a agressividade é inata. Não no sentido biológico. Isso porque ela diz respeito à própria vida e ainda possui naturezas e formas de manifestação diversas. O que testemunhamos na rede de computadores é uma delas



© VIKTORIA SOKOLOVA / SHUTTERSTOCK.COM



POR FÁBIO ANTONIO GABRIEL

Ao refletir sobre a crescente corrente de ódio que observamos dia após dia na internet e nas redes sociais, a psicóloga e psicanalista Maria Julia Chinalia, que tem mestrado e doutorado pela PUC-Campinas e cujas pesquisas focam a humilhação social e o sofrimento radical entre mulheres presas no Brasil, evoca o líder da Sociedade Britânica de Psicanálise Independente, Donald Winnicott.

A partir de suas teorias, ela afirma que a agressividade não tem raiz única. Ao contrário, ela possui naturezas diversas e diversas são suas formas de manifestação. Assim, o fenômeno do ódio na internet é por ela percebido como grande expressão da atualidade. Apesar dos danos que isso pode acarretar, a psicóloga vê nela uma oportunidade: usar a internet para estabelecer relações de solidariedade entre os povos. Veja, a seguir, a entrevista exclusiva que ela concedeu à HUMANITAS.

**HUMANITAS: Como analisa o fenômeno do ódio vivenciado nas redes sociais e na internet, como um todo?**

**Maria Julia Chinalia:** É sabido que uma rede social é composta por pessoas ou grupos (atores) e conexões (a interação entre esses atores). Evidentemente, o surgimento da internet ajudou as pessoas a disseminarem informações de maneira

interativa e mais rápida. Essa mudança possibilitou a criação de novos canais e, simultaneamente, evidenciou a pluralidade de informações que circulam nos grupos sociais. As crises nas redes sociais não são muito diferentes, por exemplo, daquelas que vemos na imprensa, com o acréscimo de que a informação, agora, chega a novos grupos, diferentes

daqueles que só liam um jornal ou uma revista. Sabemos que a interação social, por si só, tem sua instrumentalidade dada através de símbolos, ou seja, os grupos sociais estruturam e interagem entre si de modo a construir as regras de determinada sociedade. O ódio pode ser considerado um elemento dentro dessa simbologia.

O discurso de ódio propagado na internet é um fenômeno social e de palco midiático, que nos desperta preocupações diversas, relativas à utilização das redes sociais e de como isso influencia negativamente as pessoas. Penso na própria atuação do psicólogo em face dos desafios que se descortinam nesse novo panorama, principalmente quando me deparo com três elementos: o ataque ao nosso desenvolvimento civilizatório, o esgarçamento de laços sociais e, cada vez mais, momentos em que o discurso de ódio extrapola o virtual e torna-se concreto no mundo off-line.



**A pergunta que pode nos orientar para uma boa problematização desse tema provavelmente é: a ausência de um corpo físico, real, nessas interações virtuais influencia a percepção do outro como semelhante? A violência na internet seria um reflexo da violência na sociedade?**

Sim. Claro que nenhuma tecnologia, por si só, é boa ou má. O uso que dela fazemos é o que define seu caráter. Naturalmente, não podemos culpar a internet pelo comportamento daqueles que a utilizam. No entanto, é nas relações criadas on-line que ditamos novos comportamentos, coletivos e individuais, que, por sua vez, são retroalimentados na vida off-line. Porém, dentro do contexto das redes sociais, é preciso uma consideração mais específica: o anonimato e o fato de certos comentários serem impulsionados uns pelos outros. É provável que a coragem de um indivíduo para se manifestar (mesmo que seja favorável a um discurso de ódio) advenha mais desse comportamento massivo do que de sua postura consciente individual. Acrescento que é preciso refletir sobre outro aspecto: o ambiente virtual, no qual essas relações se desenvolvem, é reconhecido como um lugar inexistente, ou seja, que não se configura de maneira concreta. Dessa maneira, ao tornarmos nossas relações virtuais, dentro desse “universo digitalizado”, perdemos as referências de fronteiras. A partir disso tudo, instituímos uma nova forma de relação social, que passou a ser utilizada também com o fim de externalizar o ódio. A internet talvez seja a ferramenta mais moderna em que se catalisam pulsões agressivas que sempre estiveram presentes nas relações humanas. Se antes presenciávamos verdadeiros atos de violência em praça pública, agora as redes se tornaram “bolhas” que reverberam discursos agressivos e que incentivam as mais absurdas atitudes de destrutividade. Se, antes, nutríamos a ilusão de uma sociedade formada por homens originariamente dedicados à paz e ao amor, agora nos encontramos tomados pelo estranhamento: trata-se da retórica do ódio.



“O DISCURSO DE ÓDIO PROPAGADO NA INTERNET É UM FENÔMENO SOCIAL E DE PALCO MIDIÁTICO QUE NOS DESPERTA PREOCUPAÇÕES DIVERSAS, RELATIVAS À UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS E DE COMO ISSO INFLUENCIA NEGATIVAMENTE AS PESSOAS”

**Podemos dizer que avançamos muito em tecnologia, mas as relações humanas não deixaram de ser violentas?**

A história é povoada por atos considerados agressivos e violentos, que remontam à Bíblia e à filosofia clássica. Assim, pensar nas formas de manifestação da violência é quase como assistir a um espetáculo que pode ser acompanhado em tempo real, exposto nos diversos meios de comunicação. Na internet, não poderia ser diferente. Para a Psicanálise, a violência é sempre vista como um referencial que não pode – nem deve – descolar o devir humano da linguagem: compreender o fenômeno da violência pressupõe um entendimento da constituição do laço social, considerar os discursos vigentes em cada contexto histórico. No caso do Brasil, onde nos deparamos com uma desigualdade

social abissal, com classes sociais forjadas por contextos socioculturais e econômicos específicos, nos deparamos, atualmente, com uma polarização política de grande intensidade, recheada de discursos de ódio. Vivemos em um país cindido. E, infelizmente, para desmistificar a ideia de que vivemos num Brasil pacífico e cordato, é preciso mergulhar na história. Surgimos no entrechoque de um regime escravocrata, que é a semente da sociedade brasileira perversa, excludente e desigual. Só compreendendo essas relações de poder é que poderemos dar marcha no processo civilizatório rumo à evolução. Dessa maneira, considero de suma importância reconhecer que o uso da internet, a atuação na vida on-line podem tanto fortalecer a cidadania quanto gerar ondas de cunho verdadeiramente destrutivo. Assim como fazemos na vida off-line, é importante adotar uma postura crítica e equilibrada.

### **Na sua visão como psicóloga, a polarização política contribui para que tanto ódio seja manifestado na internet?**

Sim. Toda polarização pressupõe a existência de um maniqueísmo que se resume em “nós” *versus* “eles”. Com maior ou menor intensidade, esses elementos sempre se fizeram presentes na história brasileira. Qual o problema que reside no cerne dessa questão? “Eles” não conseguem entender que “nós” somos os donos da razão. Em 2014, na eleição presidencial, a internet foi invadida por uma imensa quantidade de propaganda, textos expressando opiniões furiosas, memes deploráveis. Todos esses elementos tinham um ponto em comum: um Brasil raivoso mostrava sua face de gigante que acordou. Esse ódio ainda existe, sempre esteve lá. É importante notar que esse fenômeno só perdura a partir do momento em que se sustenta pela transposição ao outro. Ainda é importante destacar que o ódio é peça fundamental na identidade de certos grupos. Aqui, se constitui um fenômeno interessante: ao vociferar contra os outros, eu também me autoelogio. Diminuindo o outro, afirmo minha superioridade. E o ato de me autoafirmar me coloca num lugar muito calmo, de conforto, onde tudo é absolutamente resumido

ao preto no branco. Assim, a pessoa que odeia também elimina outro desconforto: o de pensar. Se pensar é tarefa muito árdua, a facilidade que reside no ódio me tranquiliza. Porque o problema são os outros. O fato de a internet ainda ser vista como uma terra sem lei faz com que esta vire um terreno muito fértil para esse tipo de manifestação, constantemente afirmada como tal através das manifestações em onda, com os comportamentos de rebanho que, despidos da necessidade de pensar no outro como um igual, encontram grande facilidade para manifestar suas ideias e sentimentos despidos de qualquer autocrítica.

### **Atualmente, temos acesso a um grande volume de informação. Com o fenômeno das fake news, é normal se deparar com sentimentos de insegurança?**

Sim. Numa tradição que remonta à Guerra Fria, é comum que encontremos, na história, regimes autoritários que tentam controlar o fluxo da informação. Hoje a China bloqueia uma série de redes sociais e permite o uso, apenas, de versões locais do WhatsApp, Twitter, Facebook etc. E, mesmo assim, esses conteúdos passam por filtros rigorosos com o fim de expulsar conteúdos “sensíveis”. Na versão moderna do autoritarismo, esse esforço de censura não é mais necessário. Basta divulgar amplamente a versão dos fatos que se deseja tornar verdadeira e, assim, abafar as demais narrativas. Sobretudo as reais. Nas *fake news*, o ódio encontra um outro meio, bastante engenhoso, de existir: um traço infantililode que dita que o mundo deve concordar conosco. Quando não se concorda, está sumariamente errado. Não se trata, aqui, de pensar e trabalhar a realidade, mas de deformá-la exaustivamente para que se adapte ao “eu” que odeia. Somado a isso, temos o recurso de pagar pela divulgação da desinformação, como ocorre no Facebook e no Instagram, por exemplo, ou, ainda, a prática de disparos massivos no WhatsApp. Uma vez impulsionada, jogada ao vento, a narrativa é propagada de forma orgânica, já que a repetição da informação, causando familiaridade, também nos leva a aceitá-la como verdadeira.

### E então passamos a ser incapazes de distinguir o que é verdade do que não é...

Sim, o termo *fake news* ganhou alta popularidade no seu âmbito político, com a campanha de Donald Trump na eleição presidencial dos Estados Unidos. No entanto, é importante destacar que esse fenômeno não acontece apenas ali, mas interfere diretamente nos mais diversos cenários sociais. No que diz respeito ao novo coronavírus, as *fakes news* dominaram as redes sociais numa velocidade tão grande quanto o contágio. E isso tem desdobramentos sérios, já que assistimos, por exemplo, a disseminações desenfreadas de informação que representam risco à saúde, como recomendações de medicamentos que comprovadamente não têm efeito algum contra o vírus. Assim, é necessário mais empenho na chamada alfabetização digital da sociedade, para que o compartilhamento de informações seja feito de modo consciente.

"A HISTÓRIA É POVOADA POR ATOS CONSIDERADOS AGRESSIVOS E VIOLENTOS QUE REMONTAM À BÍBLIA E À FILOSOFIA CLÁSSICA. ASSIM, PENSAR NAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DA VIOLÊNCIA É QUASE COMO ASSISTIR A UM ESPETÁCULO QUE PODE SER ACOMPANHADO EM TEMPO REAL, EXPOSTO NOS DIVERSOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO"

## MULHERES, PRISÃO, CINEMA E WINNICOTT

O estudo do cinema e a abordagem psicológica de pessoas privadas de liberdade foram os temas de interesse acadêmico de Maria Julia Chinalia. Frutos de um interesse pessoal e de um estágio curricular na Penitenciária Feminina de Campinas/SP, essas temáticas se tornaram importantes por dois motivos: 1) o estudo das dimensões humanas através da cultura e o cinema proporciona uma posição privilegiada de observadores; 2) o fenômeno do encarceramento como prática social merece ser estudado na medida em que consideramos os dramas vividos por aqueles que vivem em grave situação de penúrias sociais.

A partir daí, Chinalia estudou a experiência emocional de mulheres em cumprimento de pena por meio da aproximação psicanalítica do documentário brasileiro *Histórias de Daluana*, realizado sob a direção de Cláudia Priscilla em 2007. Trata-se de um filme com cerca de vinte minutos de duração e que consiste na entrevista de uma mulher privada de liberdade, em estado puerperal, que se encontra acompanhada de seu bebê. Por meio de uma interlocução com o pensamento winnicottiano, a psicóloga elucida a vinculação entre privação e delinquência, incluindo aí problemáticas de ordem social.

Na sequência, a psicóloga investigou o sofrimento emocional de mulheres presas por furtos de bagatela. A respectiva tese foi desenvolvida a partir da análise do documentário *Bagatela*, dirigido por Clara Ramos em 2010, no qual se observou a centralidade de fenômenos como desamparo social e injustiça, que se relacionam diretamente com as contribuições de Winnicott. Nesse trabalho, foram ampliadas e revistas as consequências

não apenas da afetividade no desenvolvimento, mas também questões de ordem material e que são causadoras de insegurança, desamparo e sentimentos de humilhação.

A aproximação com a experiência emocional dessas pessoas, inseridas nessas obras de cinema, mostrou que suas invisibilidades só eram postas em xeque no momento em que causavam prejuízos a terceiros. Uma vez que essas pessoas cometem atos delinquentes, na prática, parece muito mais cômodo para a sociedade civil submeter esses casos aos cuidados do Poder Judiciário do que reconhecer que as infrações cometidas devem ser compreendidas no âmbito do fenômeno dos sofrimentos sociais, causados pela pobreza e pelas desigualdades extremas. Dessa forma, parece ser muito mais proveitoso que essas pessoas usufruam de cuidados clínico-sociais, uma vez que estes surtem reconhecidos efeitos na transformação social.

No contexto da existência dessas mulheres, marcadas por grandes sofrimentos decorrentes da precariedade social, o sistema penal se inscreve, na prática, como um dispositivo opressor que as rebaixa e humilha, na medida em que, como instituição que se propõe reabilitadora e punitiva, traz implícita, em sua própria estrutura, a colocação de mulheres presas num evidente patamar de inferioridade. Outras instituições totais, como os manicômios, também operam nesse sentido. E a precariedade social significa, muitas vezes, dificuldade ou mesmo impossibilidade de acesso a tratamentos voltados à saúde mental. Não se pode, dessa forma, contar com um aparato de justiça que seja capaz de garantir integridade pessoal, nem um tratamento adequado em instituições dedicadas à manutenção da saúde mental.

### **A pandemia contribui para que as pessoas fiquem mais ansiosas e algumas passem por momentos depressivos?**

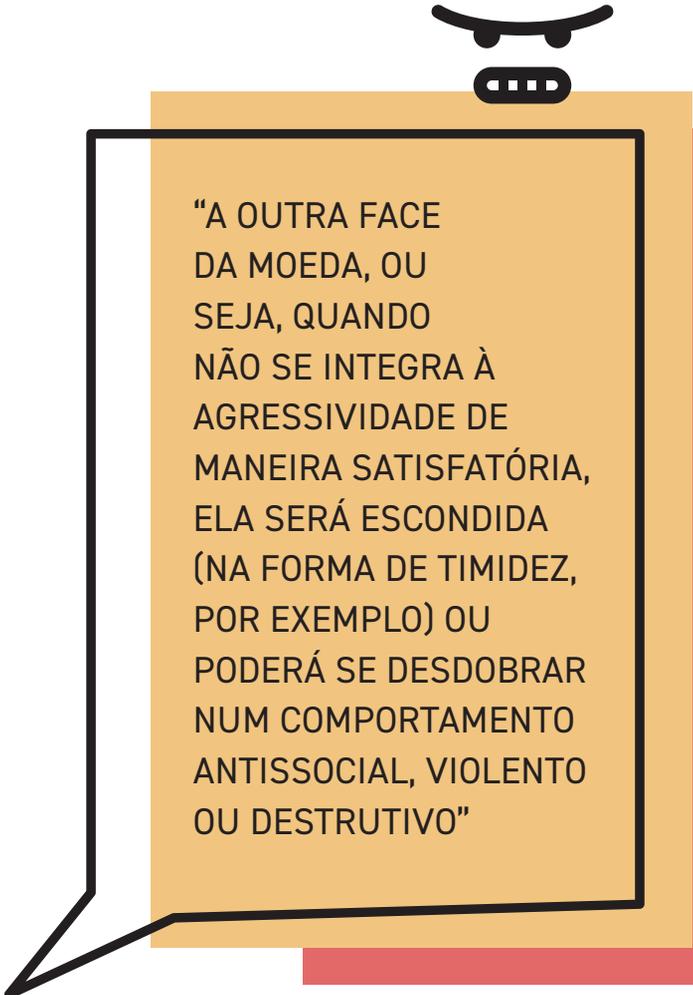
Sem dúvida. Diante de contextos como uma pandemia, é compreensível que os esforços científicos e práticos estejam concentrados nos aspectos biológicos da doença em questão. No entanto, a própria disseminação do vírus e as medidas de controle afetam as pessoas de maneira significativa, sobretudo na saúde mental. A presença de alterações no sono, sofrimentos psíquicos e transtornos psicológicos exerce efeito negativo no cotidiano e, em períodos de epidemias e isolamento social, o agravamento ou a incidência desses casos tende a aumentar. Diversos são os estressores que enfrentamos atualmente, incluindo a solidão decorrente do isolamento social, a insegurança econômica, a incerteza sobre o futuro e o medo de contrair a doença. Nesse sentido, entendo como necessária a estruturação de uma rede de apoio, uma maior divulgação das práticas de manutenção da saúde mental e a disponibilização de serviços on-line para atenção a pacientes, aumentando o alcance do cuidado àqueles que observam alterações em suas condições mentais e emocionais.

### **A facilidade em se esconder em falsas identidades contribui para que as pessoas realizem postagens violentas e ofensivas na internet?**

Sim, uma vez que as redes sociais permitem que o usuário construa uma *persona* por meio de uma página pessoal ou um perfil. Assim, protegido pelo anonimato, tende a exercer comportamentos que não seriam empregados na vida real. Essa máscara do que chamamos de “perfil *fake*”, nesse sentido, faz com que a pessoa se sinta empoderada e reproduza com maior facilidade conteúdos violentos e discursos de ódio. Como consequência, esse tipo de atuação on-line contribui para reforçar estigmas sociais. Por último, é preciso fazer um exercício de pensar no que o anônimo ganha agindo dessa maneira: a resposta é capital social, ou seja, visibilidade, reputação, influência.

**É comum ouvirmos no senso comum a máxima “Freud explica”. Como a Psicanálise interpretaria a violência na internet na sociedade em que vivemos?**

É preciso começar dizendo que discorrer sobre a violência e suas consequências na dinâmica social é uma tarefa bastante árdua no campo da Psicanálise. Desse modo, recorro a Donald Winnicott, autor que subscrevo e que possui contribuições bastante interessantes nesse aspecto. Sem a pretensão de esgotar o assunto, mas de problematizar, vou compartilhar alguns elementos nas linhas a seguir. Winnicott dedicou grande parte de seu aporte teórico à natureza humana. Consequentemente, esbarrou nas temáticas da agressividade e destrutividade que nos são inerentes. Essa questão está presente em toda sua obra e constitui um dos grandes marcos teóricos que romperam com a Psicanálise tradicional. Para Winnicott, a agressividade é inata, mas não no sentido biológico. Diz respeito a estar vivo. Tal agressividade também não tem uma única raiz, pelo contrário, tem naturezas diversas e diversas são suas formas de manifestação. E ela só será desenvolvida e se tornará parte da pessoa se a oportunidade de experienciá-la for dada de maneira adequada conforme a necessidade enquanto o sujeito amadurece. Em outras palavras: é a atitude do ambiente que influencia o modo como se lida com a tendência agressiva. Se o ambiente fornece cuidados satisfatórios e se mostra acolhedor reconhecendo e aceitando essa manifestação humana, a fonte da agressividade se tornará integrada à personalidade do indivíduo e será elemento central: ditará sua capacidade de se relacionar, de brincar e trabalhar. A outra face da moeda, ou seja, quando não se integra à agressividade de maneira satisfatória, ela será escondida (na forma de timidez, por exemplo) ou poderá se desdobrar num comportamento antissocial, violento ou destrutivo. Disso, podemos concluir que amar ou odiar são conquistas de um desenvolvimento suficientemente bom, em que o bebê, a criança, o adolescente e, finalmente, o adulto encontram acolhimento até mesmo nas suas potencialidades agressivas.



“A OUTRA FACE DA MOEDA, OU SEJA, QUANDO NÃO SE INTEGRA À AGRESSIVIDADE DE MANEIRA SATISFATÓRIA, ELA SERÁ ESCONDIDA (NA FORMA DE TIMIDEZ, POR EXEMPLO) OU PODERÁ SE DESDOBRAR NUM COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL, VIOLENTO OU DESTRUTIVO”

**Será possível invertermos a situação e utilizarmos a internet para disseminar a solidariedade?**

Sim, é possível. Diversos são os elementos a serem levados em conta para definir onde acaba a liberdade de expressão e começa o discurso de ódio e começar a pensar numa reinvenção do uso da internet para o benefício de todos. O debate, nesse caso, precisa avançar para a prática acompanhado da construção de políticas com foco à inclusão de vozes reconhecida e historicamente excluídas e marginalizadas, que devem ser levadas à esfera pública para que possamos, assim, sair desse espaço de resignação e enfrentar o desrespeito e o preconceito. **hmt**

**FÁBIO ANTONIO GABRIEL** é mestre e doutor em Educação pela UEPG, autor de *Minutos de Reflexão* (La Fonte). [www.fabioantonio gabriel.com](http://www.fabioantonio gabriel.com)